

RUMO À UTOPIA MATRICÊNTRICA

JOELINA SOUZA MENEZES E
FRANCISCO JOSÉ ALVES DOS SANTOS

MURARO, Rose Marie. Os Seis Meses em Que Fui Homem. 2ª ed., Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos. 1991.

Fundir Marx e Freud não é uma pretensão de hoje. Desde os primórdios da psicanálise que alguns teóricos têm tentado aproximar estes dois pilares da modernidade. Tal tarefa teria como fim juntar a economia política à economia libidinal. Este projeto tem representantes famosos como: Wilhelm Reich, Erich Fromm, Herbert Marcuse e, mais proximamente, Gilles Deleuze e Félix Guattari. A síntese Marx/Freud não é, de modo algum, tarefa tranquila. Os dois pensadores partem de postulados divergentes, o que vai ocasionar, muitas vezes, um curto-circuito na economia explicativa daqueles que postulam uma síntese Freud-Marxista. O fato é que, quase sempre, tal fusão não tem passado de um consórcio canhestro. O problema fundamental é que os dois sistemas tendem a excluir-se mutuamente: o marxismo, partindo do homem enquanto animal essencialmente social, e o freudismo, derivando o social das estruturas psíquicas individuais. Tomando como ponto de partida o homem ser social e o outro, o indivíduo como princípio, os dois sistemas tendem à exclusão recíproca ou à "heterofagia". Noutras palavras, o desafio é explicar a difícil dialética indivíduo/sociedade sem subsumir um no outro.

Nessa perspectiva teórica, insere-se o último livro da escritora e feminista, Rose Marie Muraro. Como ela mesma confessa, "não se trata aqui de conciliar Freud e Marx num freudomarxismo ingênuo mas, sim, de ver se algo novo pode aparecer em nossa realidade de países do Terceiro Mundo, isto é, qual o questionamento que nós oprimidos podemos dar às teorias dominantes" (p. 83). Como se vê, a pretensão da autora é realizar uma síntese freudomarxista tupiniquim. Resta julgar até que ponto conseguiu realizar este seu objetivo.

O cerne da obra é uma apreciação das transformações por que passam os papéis masculinos e femininos no Brasil contemporâneo. Seu material empírico tem por base dados colhidos em pesquisa com a burguesia, o campesinato, o operariado e a classe média urbana.

O livro está ordenado em cinco partes. De início a autora rastreia a sua vida pessoal enquanto militante da esquerda católica, como editora da Vozes e, finalmente, como pioneira do movimento feminista no Brasil. É no bojo desse movimento que ela realiza uma pesquisa abrangente sobre a sexualidade da mulher brasileira que subsidiará, em parte, a reflexão desse livro.

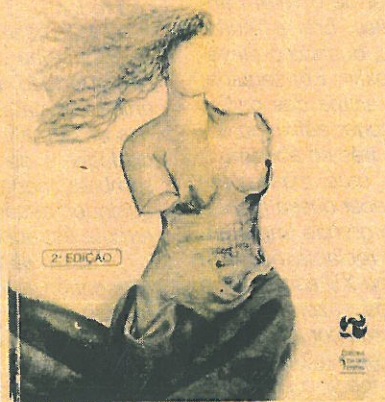
A primeira parte - "Sexualidade" - pontua as diferenças entre homem e mulher, a partir de estruturas psíquicas diferenciadas. A segunda, "Sexualidade do Poder", relaciona o campo da sexualidade à economia, mostrando como a segunda é determinada pela primeira. Prosseguindo a sua análise, Muraro faz uma digressão de caráter biográfico, descrevendo o seu ingresso no "mundo do homem". Vislumbra a partir desse "mundo" as dimensões sagrada, política e econômica do poder (Terceira parte - "O Poder). Após fazer uma síntese da teoria freudiana do desenvolvimento psicosssexual do homem (quarta parte - "O Desejo"), a escritora encaminha-se para reflexão final da sua obra, buscando a saída para os impasses das relações entre os sexos. A quinta parte, intitulada "A Saída, Onde Está a Saída?", versa sobre o desejo feminino, o "continente negro", segundo Freud. Contestando a teoria do "pai primevo" proposta por Freud, ela advoga o mito da "mãe primeva" como substitutivo do patriarcalismo freudiano. Valendo-se de estudos antropológicos recentes, Muraro defende a superioridade das culturas "matricêntricas" sobre as patriarcais. Enfim, a sua proposta política centra-se na crítica da sociedade patriarcal e na instauração de uma sociedade "matricêntrica".

Em que pese o desejo da autora

de fundar um freudomarxismo caboclo, a sua abordagem apresenta alguns pontos que merecem reflexão.

O título do livro **Os Seis Meses em Que Fui Homem** promete ao leitor masculino ávido de experiências, o relato de uma mulher que conseguiu reverter a ordem vigente, adentrando-

ROSE OS SEIS MESES
MARIE EM QUE FUI
MURARO HOMEM



se no mundo masculino, e à leitora "liberada", o relato de algo que secretamente almeja: a reversão no campo dos papéis sexuais. Ledo engado. Ao final, o leitor (a) vê-se logrado (a). O título foi apenas um chamariz mercadológico. O que o título promete não é dado. Na verdade, a trajetória biográfica da escritora tem no livro apenas uma importância tangencial. Assim, ela revela: "Até agora recusei-me a dizer uma palavra que fosse sobre minha vida pessoal porque não era importante para este trabalho" (p. 223 - grifo nosso).

Outro aspecto que deve surpreender o leitor atento é a inexistência de organicidade do livro. Fosse ele uma coletânea de artigos de procedência diversa, o fato seria perdoado. Na obra em questão, esperava-se que os capítulos apresentassem sequenciamento lógico e organicidade. Não é o que acontece. Nela há capítulos absolutamente "sobrando". Pula-se das classes sociais no Brasil contemporâneo para relatos sobre as sociedades primitivas, passando-se por capítulos de apressada síntese da teoria freudiana. O leitor fica completamente atordado e até mesmo a autora confessa: "Meu Deus que viagem!" (p. 223). E classifica a sua empreitada de "vertiginoso panorama" (p. 184).

É de se estranhar a desenvoltura com que Muraro ressuscita o velho reducionismo (no caso, o psicanalizante). Num momento em que o pensamento científico de ponta revela que a complexidade do real não é redutível a nenhum elemento, isto soa muito estranho. Neste sentido, é muita ingenuidade pensar que os complexos problemas do mundo serão resolvidos, de um golpe, pela erradicação do machismo patriarcal. É preciso muita limitação analítica para acreditar que o machismo se constitui em **fontes** et origo de todos os males do mundo. Na verdade, da economia à tecnologia, passando pela política, tudo deriva das estruturas psíquicas. Esta miopia decorre do viés militante feminista que orienta a abordagem de Muraro.

Outro calcanhar de Aquiles da análise recai na visão histórica adotada: um evolucionismo às avessas. As sociedades matricêntricas são o "passado bom" ao qual devemos voltar. A mudança social é vislumbrada enquanto retorno e não devir. A história deve caminhar para trás e não para frente, para futuro.

Como caracterizar esta posição de "progressista"? O que se tem, na verdade, é uma visão regressiva. O bom está na origem. O devir é sempre degradação, perda. Melhorar é sempre voltar aos "tempos primordiais". É de se estranhar tal concepção numa análise que se propõe marxista.

A síntese "freudomarxista" intentada na análise leva a pesquisadora a algumas aporias. Isto ocorre quando a noção de natureza humana é posta em cena através da postulação de sentimentos "universais" e de "invariantes da espécie humana" (pp. 129 e 122). A introdução desta categoria traz um problema de grande magnitude: o da possibilidade de mudança. Se a natureza humana for dada, toda militância feminista será vã, inclusive os esforços da escritora, suas pesquisas, seu livro.

Assim, a autora concebe as diferenças entre homem e mulher: pela própria estrutura da psique feminina e da masculina, o homem tende para independência, a separação e a autonomia (. . .) já as mulheres são definidas como filhas, esposas, irmãs ou mães. Elas se especializam na complexidade e no labirinto das relações e confundem os limites entre o eu e o outro". (p. 59).

A militância que anima a obra é também um outro problema. O rigor científico é sacrificado no altar da militância feminista em prol de uma sociedade matricêntrica. O casamento ciência/militância termina por ser uma má junção para ambos. Entre o panfleto militante e análise científica, há uma considerável diferença que a autora esquece. Não se trata aqui de advoogar o mito da neutralidade científica. No entanto, não é a "facilidade" de um discurso de palanque o que se espera numa abordagem científica qualquer, demonstrando assim que não é necessário apenas uma "boa causa" para se fazer uma boa obra científica. O livro naufraga nas vagas do reducionismo psicanalizante, da militância míope e no anacronismo.

É necessário mais algum rigor analítico para a autora nos convencer da sua utopia matricêntrica.

Joelina Souza Menezes, mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe.

Francisco José Alves dos Santos, mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília, é professor do Departamento de Filosofia e História, também da Universidade Federal de Sergipe.